ISSN: 2358-8829

A PSICANÁLISE NA PRÁTICA DOCENTE: UMA RELAÇÃO NECESSÁRIA

Antonia Morais Leite Costa[1]
Ana Lucia Marques de Paiva [2]
Renata Cristina Cortez[3]
Francisca Najila da Silva [4]
Wedna Sangila Marques da Silva [5]

INTRODUÇÃO

A educação é um processo que envolve não apenas a construção de conhecimentos, mas também o desenvolvimento emocional, social e psicológico dos indivíduos. Nesse contexto, compreender os aspectos subjetivos presentes no processo de aprendizagem torna-se fundamental para uma prática pedagógica mais sensível e significativa.

A psicanálise surge como um importante campo teórico que possibilita compreender o sujeito em sua dimensão inconsciente, oferecendo contribuições relevantes para a educação. Ao considerar que o comportamento humano é influenciado por experiências emocionais e processos psíquicos, a psicanálise permite ampliar o olhar do educador sobre as dificuldades, conflitos e manifestações presentes no ambiente escolar.

Diante desses pressupostos, o presente estudo tem como objetivo refletir sobre as contribuições da psicanálise aplicados à prática docente abordando o desenvolvimento

[1]Doutora do curso Ciências da Educação da Universidade Americana/Asunción/PY autora principal-antoniamorais46@yahoo.com.br
[2]Graduada do Curso de Psicopedagogia da Faculdade Integrada de Patos-PB; Coautora2 annamarques.odb@hotmail.com
[3]Graduando pelo Curso de Psicopedagogia da Universidade Paulista-SP-coautora3renata. cortezinha@hotmail.com
[4] Graduanda pelo Curso de Serviço Social Unifatecie - Paraná,coautora3najilaalves.19@gmail.com
[5]Graduanda do curso dePedagogiaBilingue-Ufersa-Caraúbas-RN Coautora5wednasangela66@gmail.com

psíquico na infância; a importância do brincar no processo de ensino e aprendizagem e as transformações que caracterizam a transição da infância para a adolescência

Nesse sentido, a pesquisa aborda a infância como um período essencial na formação do sujeito, sendo marcada por experiências que influenciam diretamente o desenvolvimento psíquico e emocional da criança e aponta que o brincar assume um papel fundamental, pois representa uma forma de expressão simbólica através da qual a criança elabora sentimentos, conflitos e vivências.

Além disso, a passagem da infância para a adolescência representa um momento de intensas transformações físicas, emocionais e sociais, que frequentemente se refletem no contexto escolar. Dessa forma, compreender essas mudanças torna-se essencial para que os educadores possam lidar de forma mais consciente com os desafios presentes no cotidiano da sala de aula.

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico, fundamentada em autores clássicos da psicanálise que dialogam com o campo educacional, entre eles: Freud (1966), Klein (1997), Lacan (1965), Winnicott (1975). A relevância do tema reside na necessidade contínua de superar visões meramente mecanicistas da educação, promovendo uma formação docente capaz de reconhecer a singularidade de cada estudante, favorecendo a construção de um ambiente escolar inclusivo, acolhedor e promotor da saúde mental e do desenvolvimento integral

A análise demonstra que a psicanálise constitui uma base importante para a formação da subjetividade, a qual constitui a essência da experiência humana. Como resultado, observa-se que a aproximação entre psicanálise e educação pode promover uma prática docente mais reflexiva e sensível às singularidades dos estudantes, contribuído na formação integral do sujeito.

1 O DESENVOLVIMENTO PSÍQUICO NA INFÂNCIA SOB A PERSPECTIVA PSICANALÍTICA

A psicanálise, desenvolvida por Sigmund Freud no final do século XIX, propõe uma compreensão do sujeito fundada na existência do inconsciente, a qual exerce papel decisivo sobre pensamentos, sentimentos e comportamentos humanos. Segundo a teoria

freudiana, o desenvolvimento psíquico ocorre precipuamente a partir das experiências vivenciadas na infância, tornando esse período crucial para a constituição da personalidade. As vivências emocionais, as dinâmicas familiares e as interações sociais influenciam diretamente o modo como o indivíduo se relaciona consigo mesmo e com a realidade ao seu redor.

Ao discutir a estrutura da experiência humana, Freud (1996) distingue dois campos de realidade. Por um lado, desde *A Interpretação dos Sonhos*, ele conceitua a *realidade psíquica*, que se refere à experiência singular, interna e pessoal de cada sujeito. Por outro, estabelece a *realidade externa*, que é compartilhada socialmente e com a qual a dimensão psíquica muitas vezes contrasta ou entra em conflito.

Nesse contexto analítico, torna-se essencial refletir sobre o lugar ocupado pela criança ao longo da história. Como assinala Philippe Ariès (1981), a infância é uma invenção da modernidade, tendo sido moldada por transformações políticas, educacionais e religiosas. Na sociedade medieval, por exemplo, não havia uma concepção clara de infância, e as crianças eram vistas meramente como "miniadultos".

Posteriormente, emergiu uma preocupação moral voltada à formação intelectual dos filhos, ainda que acompanhada de punições físicas rigorosas. Somente a partir do século XVIII consolida-se a ideia da criança como um ser sensível que necessita de cuidados específicos, embora as práticas disciplinares punitivas ainda tenham persistido por bastante tempo.

Sob essa ótica histórica e social, Freud (1996) promoveu uma verdadeira revolução ao investigar o universo infantil. A descoberta da sexualidade infantil causou forte impacto à época, pois desafiou o dogma de que a criança seria um ser assexuado e sem desejos, reconhecendo nela uma vida pulsional e erotizada. Essa mudança paradigmática alterou a visão do infantil — antes pautada exclusivamente pela correção e disciplina do adulto — e revelou o brincar como um importante recurso de acesso ao inconsciente. Assim, considerar a historicidade, os aspectos culturais e as origens da análise com crianças e adolescentes torna-se fundamental para compreender a constituição subjetiva.

Diante disso, a educação não pode ser reduzida a um simples processo de transmissão de conteúdos formais; ela se constitui como um espaço privilegiado de construção subjetiva. A escola representa um ambiente socializador no qual a criança estabelece novos laços, enfrenta dilemas e elabora aspectos centrais de sua identidade.

A psicanálise contribui para o campo educacional ao oferecer subsídios para uma leitura mais profunda das manifestações emocionais e comportamentais dos alunos. Múltiplas vezes, dificuldades de aprendizagem, condutas tidas como inadequadas ou conflitos interpessoais traduzem impasses emocionais subjacentes que demandam escuta e acolhimento. A esse respeito, Lacan (1965) aponta que a psicanálise não é apenas uma teoria ou técnica destinada a tratar distúrbios psíquicos, mas uma práxis que confronta o sujeito com a dimensão radical de sua existência.

Portanto, ao levar em conta a dimensão subjetiva presente no ato educativo, o docente pode desenvolver uma prática pedagogicamente sensível e atenta às singularidades de seus alunos, favorecendo um ambiente de aprendizagem mais saudável e significativo. A docência é atravessada por relações humanas complexas, nas quais o professor lida diariamente com diferentes histórias de vida, expectativas e afetos.

Nesse cenário, a psicanálise oferece ferramentas conceituais para a apreensão das dinâmicas interpessoais no contexto escolar. A *escuta sensível*, por exemplo, desponta como um recurso indispensável para que o educador acolha os impasses e necessidades dos estudantes. Conforme salienta Lacan (1965), o sujeito se constitui na relação com o outro e por meio da linguagem. No espaço escolar, o professor costuma ocupar um lugar simbólico de destaque, podendo influenciar de modo determinante a posição do aluno diante do saber, do conhecimento e do próprio processo de aprendizagem.

2 A ESCUTA PSICANALÍTICA DO BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A infância representa uma fase fundamental na formação do sujeito. Durante esse período, a criança constrói suas primeiras relações afetivas e inicia seu processo de inserção no mundo social. Sob a ótica da psicanalista Melanie Klein (1997), as primeiras relações emocionais na constituição da vida psíquica infantil são de grande relevância para o desenvolvimento e a aprendizagem na primeira infância. Segundo a autora, desde muito cedo a criança experimenta sentimentos complexos, como amor, medo, ansiedade

e agressividade. A autora destaca, ainda, que a psicanálise levou à criação de uma nova psicologia do desenvolvimento.

A brincadeira é universal e inerente à saúde. Ao brincar, a criança facilita seu próprio crescimento, desenvolve relacionamentos grupais e estabelece uma via de comunicação importante na psicoterapia. Nesse aspecto, a psicanálise foi desenvolvida como uma forma altamente especializada de brincar, a serviço da comunicação consigo mesmo e com os outros. No entanto, o que propõe Winnicott (1975, p. 46) é um olhar diferenciado ao tomar o brincar em si como objeto central de estudo:

> Há uma raiz funda na história da psicanálise que relaciona a brincadeira infantil com a sublimação. A brincadeira se sustenta a partir de uma fantasia que se oculta dentro de si; é tarefa do analista de crianças interpretar esta fantasia. Tal visão talvez tenha tornado a brincadeira em si uma coisa sem importância para a psicanálise.

As observações psicanalíticas ensinaram-nos que, mesmo em seus mais tenros anos, as crianças experimentam não apenas impulsos sexuais e ansiedade, mas também grandes desapontamentos. Junto com o fim da crença na assexualidade da criança, caiu também o mito do "paraíso da infância". Tais conclusões foram obtidas a partir da análise de adultos e da observação direta de crianças, confirmadas e complementadas pela análise de crianças pequenas (Klein, 1997).

Esses sentimentos são elaborados por meio de experiências simbólicas, muitas vezes expressas através do brincar e das relações estabelecidas com adultos e pares. Na Educação Infantil, essas experiências continuam a se desenvolver, tornando o ambiente escolar um espaço crucial de escuta e acolhimento para o amadurecimento emocional e social do sujeito.

O brincar ocupa um papel central no desenvolvimento infantil. Por meio das brincadeiras, a criança explora o mundo, experimenta diferentes papéis sociais e expressa sentimentos e emoções. Para Donald Winnicott (1975), o brincar representa um espaço intermediário entre a realidade interna e a realidade externa da criança. É nesse espaço potencial que ela desenvolve sua criatividade, sua imaginação e sua capacidade de simbolização.

ISSN: 2358-8829

Além disso, o brincar possibilita que a criança elabore conflitos internos, transformando experiências difíceis em narrativas simbólicas. Na perspectiva educacional, o brincar apresenta-se como um valioso recurso pedagógico, contribuindo para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional dos alunos. Ao brincar, a criança desenvolve as condições para todo o processo evolutivo neuropsicológico, manifestando a forma como organiza sua realidade e lida com possibilidades, limitações e conflitos.

Nessa linha de raciocínio, quando o ambiente escolar valoriza o brincar como parte integrante do processo de aprendizagem, promove-se uma educação mais significativa, que respeita as necessidades e características próprias da infância. Durante a análise de crianças, comprovou-se que as inibições na aprendizagem escolar e as dificuldades de adaptação à escola têm suas raízes nos primeiros anos de vida, demonstrando que uma criança que não brincou bem tampouco aprende bem.

A técnica do brincar na psicanálise infantil, pioneiramente sistematizada por Melanie Klein (1997) a partir dos fundamentos freudianos, baseia-se na utilização do jogo e do brinquedo como equivalentes à associação livre do adulto. Para a autora, a brincadeira constitui a via de acesso privilegiada ao inconsciente da criança, permitindo a expressão direta de seus conflitos e afetos.

Complementando essa perspectiva, Aberastury (2008) aponta que a criança, ao brincar, vence realidades dolorosas e domina medos instintivos, projetando-os no mundo exterior por meio dos objetos do jogo. Esse mecanismo de elaboração psíquica torna-se possível porque, desde muito cedo, o sujeito infantil desenvolve a capacidade de simbolizar e de transformar angústias internas em representações lúdicas. Nessa direção, Klein (1980) enfatiza a importância de proporcionar um espaço no qual a criança possa brincar livremente, favorecendo a emergência e a liberação de suas fantasias, agressividade e angústias.

Para tanto, é relevante destacar como as diferentes modalidades expressivas no espaço da Educação Infantil — tais como jogos corporais, brincadeiras com bolas, bonecas, massinha, desenhos e narrativas — funcionam como recursos manifestos da vida fantasmática inconsciente. Por meio desses materiais, a criança encena suas fantasias e

elabora pulsões, exigindo dos educadores uma escuta psicanalítica atenta que reconheça no brincar a linguagem fundamental do sujeito infantil.

3 A ADOLESCÊNCIA E AS TRANSFORMAÇÕES NO CONTEXTO ESCOLAR

A passagem da infância para a adolescência é marcada por profundas reconfigurações corporais, psicológicas e sociais. Nesse período, os sujeitos vivenciam uma intensa reorganização da identidade, enfrentando novos dilemas, rupturas e questionamentos. Essas transformações refletem-se de maneira direta no comportamento dos estudantes no espaço educacional, manifestando-se em conflitos, sentimentos de inadequação, oscilações de humor e dificuldades de adaptação.

Historicamente, as especificidades da adolescência nem sempre foram compreendidas. Conforme aponta a historiografia da infância, até o século XVIII vigorava uma indiferenciação entre os tempos da infância e da juventude. Sob a ótica psicanalítica, o "adolescer" não deve ser encarado como um fenômeno estritamente biológico ou universalmente uniforme. Como postula Moustapha Safouan (2000), a adolescência caracteriza-se essencialmente como uma travessia marcada por singularidades culturais e subjetivas, cujo traço comum reside no reposicionamento do sujeito: a perda do *status* infantil em direção à construção da vida adulta.

Do ponto de vista teórico, Sigmund Freud, em suas *Três Teorias sobre a Sexualidade* (1996), conceitua as transformações da puberdade como uma metamorfose crucial, na qual ocorre a unificação das pulsões parciais sob a primazia genital e a busca do objeto de amor fora do âmbito familiar. Essa transição exige a elaboração daquilo que Françoise Dolto (2004) denomina "o complexo da lagosta": uma fase de extrema vulnerabilidade e desamparo em que o adolescente perde a "casca" protetora da infância e ainda não construiu a carcaça defensiva da vida adulta.

Esse processo de reestruturação psíquica implica o enfrentamento do chamado *luto pela infância perdida* — o luto pelo corpo infantil, pela identidade de criança e pelos pais idealizados da infância (Aberastury & Knobel, 1981). Nesse percurso, predominam incertezas, ambivalências, angústia narcísica e medos, mas também a emergência do potencial criativo e transformador. O adolescente encontra-se na encruzilhada entre a

fragilidade subjetiva e a busca por autonomia, o que coloca em xeque a organização psíquica anterior e exige um constante trabalho de simbolização.

Paralelamente, a teoria winnicottiana enfatiza que a adolescência é um estado de transição no qual a contestação e o confronto com a realidade externa desempenham papel estruturante. Para Donald Winnicott (1975), a agressividade e a testagem de limites na adolescência não representam necessariamente patologias, mas tentativas de afirmação da própria existência e de diferenciação em relação ao mundo adulto. Quando o ambiente — seja familiar ou escolar — oferece sustentação (*holding*) sem recorrer ao autoritarismo ou ao abandono, possibilita que o jovem atravesse esse período de turbulência com segurança.

Diante desse cenário, a escola surge não apenas como local de instrução formal, mas como um ambiente de passagem e socialização de extrema relevância. No entanto, a cultura contemporânea — marcada pelo imediatismo, pelo excesso de estímulos e pela exigência de respostas rápidas — contrapõe-se ao tempo singular necessário para a metabolização e elaboração das vivências afetivas. O sujeito adolescente frequentemente responde a essa pressão com atuações (*acting out*), isolamento ou comportamentos de risco, sinalizando a dificuldade de traduzir em palavras a intensidade do seu sofrimento psíquico.

Dessa forma, o corpo docente e a gestão educacional desempenham papel fundamental ao oferecer um espaço de escuta e mediação simbólica. Professores embasados pela reflexão psicanalítica tornam-se capazes de reconhecer que as indisciplinas, o desinteresse e os impasses de aprendizagem podem consistir em sintomas de um trabalho psíquico em curso. Em vez de adotar posturas puramente punitivas, a instituição escolar pode atuar como um ambiente facilitador, promovendo o acolhimento da singularidade do estudante e auxiliando-o na construção de novos laços com o conhecimento e com o coletivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão sobre a relação entre psicanálise e educação evidencia a importância de considerar os aspectos subjetivos presentes no processo de ensino e aprendizagem. Os

fundamentos da psicanálise permitem compreender o aluno como um sujeito em desenvolvimento, cuja aprendizagem está profundamente relacionada às experiências emocionais, às relações afetivas e às vivências sociais.

Nesse sentido, a prática docente pode se beneficiar das contribuições da psicanálise ao desenvolver uma postura mais atenta à escuta, ao acolhimento e à compreensão das singularidades dos estudantes. Além disso, reconhecer a importância do brincar no desenvolvimento infantil e compreender as transformações que ocorrem na passagem da infância para a adolescência são elementos fundamentais para a construção de um ambiente escolar mais humano e inclusivo.

Dessa forma, a articulação entre psicanálise e educação revela-se não apenas possível, mas necessária para a construção de práticas pedagógicas que promovam o desenvolvimento integral dos indivíduos. Portanto, estabelecer essa articulação não significa converter o professor em terapeuta, mas sim instrumentalizá-lo ética e teoricamente para escutar as singularidades, acolher o sintoma e reconhecer os tempos e ritmos subjetivos de cada educando.

Palavras Chaves: Psicanálise, Prática docente, Infância, Adolescência.

AGRADECIMENTOS:

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arminda. **Psicanálise da criança:** teoria e técnica. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Mauricio. **Adolescência normal:** uma abordagem psicanalítica. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

DOLTO, Françoise. **A causa dos adolescentes**. 2. ed. São Paulo: Ideias & Letras, 2004.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). *In*: FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos (1900). *In*: FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. IV e V. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. Conferência XXXIV: Explicações, aplicações e orientações (1932). *In*: FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KLEIN, Melanie. A técnica do jogo na psicanálise (1955). *In*: KLEIN, Melanie. **Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)**. v. III. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

KLEIN, Melanie. **A psicanálise da criança**. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

KLEIN, Melanie. **Os progressos da psicanálise** (4 ed.). Rio de Janeiro: Zahar.,1980

LACAN, Jacques. **A ciência e a verdade (**1965). *In*: LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 869-892.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.

SAFOUAN, Moustapha. **A transferência e o desejo do analista**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

WINNICOTT, Donald Woods. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.